

## **DESOBSTRUÇÃO DAS VIAS EDUCACIONAIS: GREVE DOS CAMINHONEIROS E PRÁXIS EDUCATIVO - COLETIVA NA MINA DE SABERES**

Wagnês Barbosa de Araújo  
Maria Valdinete de Pontes Matias  
Francisco Alves Cordeiro Neto

*Universidade Estadual da Paraíba*  
[barbosadd2012@hotmail.com](mailto:barbosadd2012@hotmail.com)  
[valdinetepontesm@gmail.com](mailto:valdinetepontesm@gmail.com)  
[netoalvescordeiro@hotmail.com](mailto:netoalvescordeiro@hotmail.com)

### **RESUMO**

Este trabalho nasceu de uma inquietação referente à greve dos caminhoneiros do presente ano, a qual paralisou o país por dez dias e teve significativo apoio popular. É nesse ponto do apoio popular que buscamos compreender e refletir acerca do papel da sociedade no apoio à educação no cenário atual do país considerando a greve como ponto de partida para tal reflexão sendo esse o nosso principal objetivo. É evidente o pouco reconhecimento que a sociedade manifesta quando o assunto são as paralisações ou greves de professores, ou quando o assunto é simplesmente educação. Sabemos que esta não colhe seus frutos imediatamente, mas que sobrevive da utopia de gerar bons resultados para um futuro próximo. Para nos servir de referência principal, a “Mina de Saberes” surge nesse contexto enquanto base e fundamento para abordarmos questões de cunho político-social e econômico-educacional. Entendemos que é preciso um olhar mais humano para as questões educacionais e que o investimento financeiro é importante e carente, mas que a valorização e o reconhecimento do ato educativo formal também devem ser e possui peso relevante na estrutura global de uma sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, Greve, Mina de Sabres, “Práxis educativo-coletiva”

### **1. INTRODUÇÃO**

É no mínimo rançoso pensar na importância “estrutural” que os caminhoneiros têm no país, no quanto a paralisação do seu trabalho influenciou na bolsa de valores (queda das ações da Petrobras em 14%), nos preços finais de produtos e insumos, na manutenção da saúde, da educação do transporte, na agricultura enfim, nos serviços essenciais. “ Desde fevereiro, o preço da gasolina vendido pelas refinarias da Petrobrás aumentou 35% saindo de 1,52 real o litro para 2,04 reais o litro. Somente no último mês o aumento foi de 19%. ” (LEÃO; PINTO, 2018) O fato inequívoco é que essa categoria tem demonstrado, nos últimos sete dias (desde 20 de maio de 2018) o poder da ‘coletividade’ em razão da concernente greve. Há muito tempo, a economia no nosso país tem dado sinais de desequilíbrio e; nós, brasileiros, estamos pagando uma conta altíssima, como se não bastasse a dívida externa que já nos escraviza por efeito de juros abusivos e nos priva de ter melhores serviços nas áreas da saúde,

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

educação, segurança, seguridade e assistência social, em virtude de os nossos impostos não possuírem destinação justa. Urge que algo seja feito para mitigar essa violenta precificação.

Na perspectiva liberal-política atualmente dominante, tal urgência está a desandar na agressividade da “precificação”, ou seja, no apelo à fixação de duas (ainda não formalmente especificadas) camadas do valor de troca dos bens e serviços. (ECO-PI, 2018, p.03)

Diante disso, benefícios nas áreas supracitadas, deveriam advir da “excedência da produção de pertença indefesa”, ou seja, daquilo que excede o nosso trabalho como consequência de juros, lucros ou impostos, aquilo que não volta para nós, mas que deveria ter destinação justa para à coletividade. Portanto, trata-se de algo frágil que o Estado “administra” ao seu bel prazer, quando deveria ser destinado ao sentido inequívoco do que é coletivo, ou seja, para aqueles que ainda são naturalmente autoinsustentáveis, a exemplo da prole humana e dos idosos. “De uma parte, a sustentação singular e coletiva da pessoa humana é “natural-institucional” (imprescindível ou autoimpositiva), pois, na pertinente falta, o indivíduo e a coletividade iriam perecer”. (ECO-PI, 2018, p.04).

A educação, mais precisamente a categoria dos professores, paralisa as suas atividades durante um, dois, três dias e nada acontece, nenhuma mudança, nenhum apoio social ou humanizado, Costa; Bergamo; Lucena (2016, p. 5) adverte que “ajudar ao próximo é apenas sociológico e que o caminho verdadeiro está na questão ético-científica, pois parte do princípio de que a destinação do excedente de produção deve ser para àquilo que detém sentido verdadeiro do coletivo”. De todo modo a socialização difere da humanização, pois enquanto esta reside no campo do afeto e da generosidade aquela, reside na frieza da mera questão sociológica”.

É premente pensar que nem mesmo a frieza desta questão sociológica acompanha os professores em suas lutas, a exemplo de quando saem em passeata nas ruas durante suas reivindicações em nome de significativo apoio para melhores condições no campo educativo-coletivo. Para tanto, a “Mina de Saberes” coloca-se enquanto orientação e embasamento para podermos discutir a educação, esta que precisa estar aberta à humanização em detrimento da socialização. Mas é imprescindível que saibamos que isso só é possível no campo da afetuosidade e da generosidade, pois se assim não ocorrer se rompe e se encastela em projeções ilimitadas do pensar e do agir.

Diante disso, utilizaremos a Mina de Saberes, um complexo de realidades a servir de base, referência e fundamento para compreender e refletirmos profundamente acerca do papel da

sociedade no apoio à educação no cenário atual do país considerando a greve dos caminhoneiros como ponto de partida para tal reflexão.

Antes de mais nada, é necessário que situemos o leitor na perspectiva da ‘Mina de saberes’. Trata-se de cinco concernentes realidades capazes de, a partir da Práxis- Educativo-Coletiva, abordar de maneira profunda e irrefutável, questões concernentes a qualquer intervenção ou distorção da natureza humana de forma a interferir em seu desenvolvimento. As cinco categorias ou realidades estarão elencadas a seguir a partir dos subtópicos.

### **1.1. Interação entre sustentador (res) e prole ainda naturalmente autoinsustetável.**

É inequívoco que pessoas ainda autoinsustentáveis precisem ser sustentadas para que a espécie humana não pereça. Crianças são um bom exemplo disso. Precisam que os seus sustentadores garantam a sua sobrevivência. Para tanto, essa sustentação é efetivada a partir de gestos de generosidade motivados por afeto. Na ação educativa, os educadores precisam se desdobrar para dar conta de tamanha responsabilidade. O sentido inequívoco do que é coletivo se fundamenta nessa primeira categoria. Ou seja, essa interação afirma o verdadeiro sentido do coletivo, a manutenção e continuidade da espécie humana a partir de cuidados com a prole humana.

Assim, a representação que é concernente à realidade da interação em apreço passa a deter potencial no sentido de incidir em recurso para assumir determinada práxis educativo-coletiva, esta a se coadunar, em sentido também assim teleológico, com a intensificação da qualidade em desenvolvimento humano e, simultaneamente, com divisar outras realidades às quais correspondam categorias direta e indiretamente conexas àquela desta mesma interação. (COSTA; BERGAMO; LUCENA, p. 258: 2016)

O movimento dos caminhoneiros emerge de ações coletivas de uma categoria organizada que mesmo possuindo representações fragmentadas, percebe-se, no desencadeamento das ações, autonomia e objetividade. O que de certo modo, falta à educação, culminando em insegurança, ameaça, injustiças e comodidade. Faremos aqui um comparativo com a categoria educação, por exercer funções similares, sobretudo, na presteza dos serviços à coletividade.

O que há em comum no equilíbrio entre a greve dos caminhoneiros e a educação, organismo naturalmente autoinsustentável, é que surge a partir de gestos motivados pela lógica do verdadeiro sentido do que é coletivo, e pela necessidade de apoiar os seus objetivos de luta o constituinte convencimento na esfera do pensar e do agir. De acordo com Costa; Bergamo; Lucena (2016, p.270) “A coerência em foco urge

decorrer da mediação do inequívoco sentido do que perfaz coletivo humano”. Na escola, sustentador (professor) direciona os trabalhos educativos com foco na produção efetiva e desenvolvimento das capacidades cognitivas para sua prole (alunos). Tal ação incide, portanto, na condição da existência de tudo o que não surge sozinho e não se mantém por si mesmo, mas tem que existir. Isto é, crianças, educação, coletividade.

Temos vivido insuficiência do verdadeiro sentido do que é coletivo, aplicando refutáveis e “irrefletidas” práticas pedagógicas na escola tendo efeito no só apropriar e só produzir, incidindo em falta de limites bem como em projeções ilimitadas do pensar e artifícios ilimitados do agir.

Limites dependem que os sujeitos se projetem como fontes humanas de realidades cujas existências são ainda meramente potenciais e cuja representatividade precisa ser inferida mediante o modo vazio do que cumpre atender necessidade, verificar possibilidades, realizar alternatividade e incidir em labilidade. (COSTA; BERGAMO; LUCENA, 261: 2016)

Na ação dos caminhoneiros, em vigor numa relativização á concernente ação educativa, percebe-se coerência no tocante às reais necessidades da natureza humana quando imbuídos pela generosidade buscam, pois, soluções imediatas para a excedência de produção, que no desvio da sua aplicabilidade generosa para o bem da coletividade, tem desandado em recorrentes injustiças no campo sociocultural. Para o avanço que perfaz as condições humanas, urge indispensáveis cuidados, principalmente para produzir excedentes, no prelúdio entre o afeto e a ética, enxergando o que há referencial fundamentalidade para o trabalho coletivo no âmbito educacional.

Ao longo de seu desenvolvimento e ao estar sustentada, a espécie humana se difundiu, constituindo-se em aglomerações cujos indivíduos ficaram sempre mais estranhos em relação aos de outros grupamentos, esmaecendo-se afinidades comuns e retardando-se conscientização sobre o que é humano de modo comum. Concomitante com esta difusão, as aglomerações se dispersaram e se tornaram estranhas umas às outras, ao passo que tendia a ser sempre mais precário o acesso aos meios de vida, os quais, de modo natural e imediato, tinham que incidir naqueles mais aptos ao consumo. (ECO-PI, 2018, p. 06)

Em relação aos caminhoneiros, a situação emerge divergente; práticas de coletividade, perceptível preocupação exacerbada por garantias de direitos socioeconômicos inerentes à categoria, busca para prevenir a não usurpação no que concerne à violência da precificação dos produtos e serviços.

Esta violenta precificação das mercadorias, pode culminar no risco de desequilíbrio no tocante ao organismo humano, o que enseja em refúgios e ameaças acerca da propriedade privada, aqui ilustrada no objeto dos caminhões.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

**www.cintedi.com.br**

“Cumpra que entre questão criteriosidade, especialmente em favor de justiça e ética contra ganância” (COSTA; BERGAMO; LUCENA, 260:2016). Neste sentido as ações desencadeadas recorrentes de autodenegação da generosidade humana exigem uma antítese sobre a perversa existência. Referindo-se às mercadorias, Marx (2017, p.143) afirma que:

Toda mercadoria, ao entrar em circulação, mudando, pela primeira vez, de forma, entra para dela sair e ser substituída por outra. O dinheiro, ao contrário, sendo meio de circulação, permanece na esfera da circulação, onde desempenha, continuamente, seu papel. Surge, assim, o problema de saber quanto dinheiro absorve, constantemente, essa esfera.

Em vista disso, vale gerar acordos e soluções que venham beneficiar a população de maneira genérica em virtude de que esta, avança a cada dia, tomando ruas e avenidas em apoio à greve dos caminhoneiros. Visto que a concorrente consideração do sentido inequívoco da educação ainda não é do conhecimento de todos, por isso, não há apoio popular quando professores param, afim de lutar por uma sociedade mais humana a partir da educação a qual não obtém resultados sustentatórios tão imediatos quando os produtos e insumos transportados nos caminhões, mas que carecem da mesma consideração que estes. Segundo Lombardi (2011, p. 77) “O estudo da história dos homens, entretanto, ensina-nos que a história não tem fim, pois os homens, permanentemente, estão a revolucionar sua existência, desenvolvendo suas forças produtivas e seu modo de existir”.

Portanto, urge que os professores junto à sociedade divulguem, de modo mais efetivo, o complexo de realidades, Minas de Saberes, pois é embaixador e orientativo de modo que nos permite enxergar as coisas de maneira objetiva e agir sobre elas. Bergamo; Lucena; Santana (2018) nos orienta que “enxergar as profundezas do mundo e abrir caminhos para mudanças com vista à formação social, coincide com detectar o que seria mais referencial –fundamental”.

## **1.2. A imediatidade da excedência de produção que não pertence a sua própria fonte geradora**

A segunda categoria da Mina de Saberes trata da reprodução humana, que fora de dois gêneros já autossustentáveis, incide na ampliação dos organismos humanos os quais, naturalmente ainda autoinsustentáveis necessitam de um excedente de produtos gerado pelos seus sustentadores de modo que é inequívoco o surgimento desse natural grupal mínimo após essa replicação dos novos organismos, (sustentador (res), prole humana).

[...] os organismos dos novos indivíduos se encontram, inicial e

naturalmente, onticamente incapazes de se manterem, de modo que os adultos precisam sustenta-los, mediante a geração de pertinentes meios, em excesso relativamente àqueles que seriam gerados na ausência de tal incapacidade (COSTA, BERGAMO, LUCENA, 2016).

O sustentador, é adaptativo e criativo, pois diante da necessidade de garantir “o equilíbrio dinâmico-sustatório da sua prole para que não pereça, ele “ cria, recria e faz concernentes adaptações. Na educação, esse segundo princípio encaixa-se formidável na atuação docente, sobretudo de escolas públicas onde os recursos são escassos.

Nessa ambiência educacional, encontramos, potencialmente, as mais diversas falácias que incidem em projeções ilimitadas do pensar e em artifícios do agir advindos da idealidade das relações entre poder político e dominação econômica que interagem sem dó com a dinâmica de uma educação forjada para, quem sabe, oferecer resposta promiscua e quantitativa ao sistema no que se refere à aprendizagem.

É indiscutível que professores devam assumir relevante papel de sustentadores no concernente à aprendizagem dos seus alunos (prole ainda naturalmente autoinsustentável e culturalmente imatura), pois eles destinam um excedente de sua produção para essa prole. Por sua vez, sabemos que só há excedente de produção se esta se encontrar no campo da afetuosidade, incidir no amor e na generosidade. “Generosidade, esta em virtude de que educadores se voltem para considerar também a pessoa de quem aprende” (COSTA, BERGAMO, LUCENA, 2016.p. 238)

Gestos de generosidade computam algumas ações que implicariam em objetividade na ambiência educacional no tocante ao considerar disparidade entre o desenvolvimento humano e o econômico.

### **1.3. Distinção entre produzir e apropriar os inelimináveis resultados**

A partir da compreensão que ao produzirmos precisamos gerar também um excedente dessa produção e designá-la à sustentação efetiva dos destinatários justos desse excedente, condiz real e objetivamente abrigar –se na perspectiva de não apenas se apropriar dos resultados da produção, mas também pensar em possíveis contingências que venham a suscitar em utilização desses resultados da produção. Para Francisco, (2018) “ cada realidade e e atividade humana, se vivida no horizonte de uma ética adequada, isto é, no respeito à dignidade humana, e orientando-se para o bem comum, é positiva.”

Provavelmente, os caminhoneiros não representam um grupo dotado de titulação acadêmica,

mas buscam justiça na destinação do excedente da sua produção, que de fato sofre usurpação por meio da apropriação abusiva dos seus excedentes a partir de altos impostos, sobrando muito pouco para a sustentação da sua prole e para a prevenção de contingências a necessitar de resguardada apropriação devida. Acerca do desemprego e das disparidades sociais e a educação Bauman (2013, p. 64) adverte: ” A promoção social, por meio da educação, serviu por muitos anos como folha de parreira para a desigualdade nua e imoral das condições e expectativas humanas”.

Desse modo, na educação, o excedente da produção dos sustentadores (professores) faz-se necessário pelos destinatários (alunos) à medida que devem ajudá-los a construir noção de cidadania, humanidade, e capacidade para também produzir e não apenas se apropriar dos resultados, enxergar que há um excedente produzido pelos sustentadores aos destinatários, mas que eles também podem, com gestos de generosidade e afeto, exceder a sua produção estudantil.

#### **1.4 Limites (ético-científicos)**

Esta categoria passa a acreditar que é possível extinguir a “ilusão do conhecimento” desde que necessidades venham ser supridas mediante incomodidade para produzir o que detém procedência ético- científica. Surge uma coerente exposição para o pensar humano, onde a objetividade venha ocorrer limites. Para Lombardi (2011, p. 102).

A consolidada, nas mais diferentes formações sociais, educação é um campo da atividade humana e os profissionais da educação não construíram esse campo segundo idéias próprias, mas em conformidade com condições materiais e objetivas, que correspondem às forças produtivas e relações de produção adequadas aos diferentes modos e organizações da produção historicamente construída pelos homens e particularmente.

Tais formações, efetiva possibilidades quando organizada e construída coletivamente, incide, portanto em unir forças para o trabalho educativo, visando, sair do comodismo humano e vislumbrar práticas desafiadora que atenda as reais necessidades dos sujeitos inseridos no âmbito da educação, a favor da justiça e da ética, coerente com a proposta de produção que perfaz excedentes traçada pela criteriosidade o que detém limites. Dessa forma, verificar possibilidades e realizar excedentes concernentes do inequívoco sentido do que perfaz o coletivo humano enquanto sustentadores-profissionais da educação no cenário da educativo.

#### **1.5. Sentido verdadeiro (do que é) coletivo**

A ação dos caminhoneiros torna-se plausível, em parte, por desencadear tomada de decisão a partir do sentido coletivo, quando na oportunidade convoca e reúne a maioria deles numa ação envolvendo criteriosidade e limites para o pensar e agir coletivamente. A classe dos caminhoneiros aferindo medidas imprescindíveis, busca no diálogo a resolução para as problemáticas apresentadas e prevenção da usurpação da excedência da produção. Contudo, tal atitude adentra no paradoxo da violência da precificação dos produtos e por conseguinte, na ausência de limites. De todo modo, por falta de fornecimento de produtos essenciais, o pouco destes, possui arbitrário valor final. A pertença indefesa, agora mais indefesa ainda, sofre concernente inchaço e essa ausência de limites verificada na precificação dos produtos. Contudo mesmo sofrendo contingências Gentili, (2013) nos certifica de que [...] “o mercado e (não somente o Estado) supõe sempre diversos graus de violência e coação. Não existe mercado sem a concomitante existência de mecanismos historicamente, de variáveis de violência, tanto de caráter material quanto simbólico.

Mesmo sofrendo as consequências, uma parte expressiva da sociedade passa a apoiar o movimento em todo o país. Nesse momento, emerge o que é sentido coletivo, enquanto referência e fundamento com a necessidade de às pessoas condicionarem as relações culturais ao sentido inequívoco do coletivo de tudo que emerge e não se mantém mas tem que existir: a coletividade.

Por sua vez, este sentido cumpre se interpor, enquanto orientação para o pensamento e objetivo para o agir, por entre, de um lado, os limites enquanto exterioridade da produção que é inconfundível com apropriação dos elimináveis resultados, e, de outro, os limites enquanto interioridade mais extensa e mais profunda do modo ainda vazio da potencialidade de extrapolar aquela interação – esta, enquanto onticamente mínima e teleologicamente viva entre sustentador(es) e prole naturalmente ainda autoinsustentável – para a esfera da sociabilidade humana que, então, também passasse a se tornar mais extensa e profunda. (COSTA, BERGAMO, LUCENA, 2016, p. 263).

Os verdadeiros envolvidos, neste caso, os caminhoneiros, emergem “corajosos” por viabilizar o desconforto do Estado que precisa tomar decisões para resolver os problemas da categoria em foco. Este desconforto põe em sacrifício as outras categorias que praticamente sem produzir, fragilizam a economia. A coerência em foco urge respeito e justiça, sobretudo, no tocante as reais necessidades materiais, sociais, culturais, econômicas, enfim, são agentes de idealizar e realizar resultados potenciais excedentes à existência humana.

Assim, refúgio mediado por oposição entre agressão e defesa – esta última, justificada à conta de ser preventiva – nunca se encontrou tão distante de vir a ser utópica para que venha a deixar de ser, também utópica, a constituição do inequívoco sentido do que sempre cumpriu incidir em

coletivo humano. (COSTA, BERGAMO, LUCENA,2016, p. 268).

Para adentrar-se no verdadeiro sentido do que é coletivo, na presente realidade, a categoria busca, o espírito de luta postergando a frieza do pensar e agir. Imbuídos pelas indagações do porquê de tal situação, convocam à categoria a qual faculta, participação nas estradas, sobretudo; coadunando com a coletividade, concernentes soluções descortinadas pela sociedade em geral. No que tange ao pensamento de (COSTA, BERGAMO, LUCENA,2016, p. 266). “Trata-se de conjunção em cuja vigência, agressão de cunho político-econômico, seguida por defesa de antemão justificada, precisariam persistir as únicas e não utópicas saídas para a humanidade enfrentar os seus históricos percalços”.

Na educação o processo é lento com labilidade no tocante as ações educativas. Entramos na aquiescência de demandas advindas do sistema educacional, sem contrapor as estratégias de ensino adotadas na escola, dentre outras demandas educacionais. Há um desalheamento profissional na categoria dos professores, concernente de atitudes fragilizadas entre o afeto e a generosidade. O processo educacional precisa realmente pensar o humano. Nesse caso aponta é necessário reflexões, a partir da “práxis educativo-coletiva”, considerando ser o caminho – via compreensão das objetividades que se coadunam entre as práticas educativas enquanto possibilidades e dificuldades.

Urge reorientar e resinificar práticas pedagógicas indissociáveis do verdadeiro sentido da coletividade e sobrevir a excedente produção, para aprendizagem significativa, possibilitando atitudes humanizadoras imprescindíveis para reorganização das práxis educativa.

## **METODOLOGIA**

A metodologia consiste numa problematização que demanda refletir sobre como a sociedade se exime do apoio político que a educação merece e precisa; refletir sobre como o sentido coletivo dentro do seio social pode suscitar em melhorias para os resultados de uma produção que não possui resultado imediato como a educação, mas que necessita de investimentos. Estes investimentos não são apenas financeiros, mas também, afetivos construídos no campo da generosidade.

Desse modo, é preciso buscar na educação caminhos que nos levem ao entendimento da sua relevância social, e a necessidade de que o caráter

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

humanizador esteja presente como um condicionante, como um mecanismo capaz de mitigar as injustiças que ocorrem dentro da própria estrutura político-econômica educacional. Pois, acreditamos que é a partir de uma educação de qualidade que os indivíduos conseguem direcionar suas vidas de forma ética e responsável considerando também os outros que fazem parte do seus convívio a fim de melhorar toda a estrutura social.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Após dez dias de greve e negociações, inicialmente com a estatal, Petrobrás, depois com o governo, os caminhoneiros conseguem que algumas de suas reivindicações sejam de fato, atendidas. O preço do diesel baixou para 46 centavos o litro, na bomba, de modo que o governo entrou com o subsídio de 30 centavos e a empresa de economia mista, Petrobrás com o restante. No campo educativo, a economia sofre abalos velados, pois carece de mão de obra qualificada para o direcionamento da produção. Ter qualificação não significa ter acesso apenas às técnicas, mas ter uma formação humana consistente que possa ajustar desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano.

A recente crise financeira poderia ter sido uma ocasião para desenvolver uma nova economia mais atenta aos princípios éticos e para uma nova regulamentação da atividade financeira, neutralizando os aspectos predatórios e especulativos, e valorizando o serviço à economia real. (FRANCISCO, 2018.p.2)

Sendo assim, a supremacia dos mercados financeiros continua sendo uma ameaça ao desenvolvimento dos aspectos humano, no campo do afeto e da generosidade visto que suas características predatórias, parecem inerentes ao próprio sistema capitalista.

## **CONCLUSÕES**

Após a greve dos caminhoneiros podemos entender que houve paradoxal desfecho, pois o mercado reagiu negativamente, o Estado precisou interferir nas negociações, e; com a economia fragilizada, retirou milhões de programas sociais, só do Sistema Único de Saúde, Fundação Oswaldo Cruz e um programa que fortalece instituições de ensino superior foram, segundo Agência Nacional, 195,3 milhões de reais.

Contudo, de um lado houve o agigantamento da força dessa categoria, de outro a constatação de que o

verdadeiro gigante é o mercado, são os investidores, esses que mandam e desmandam na educação e em todo o resto; e mais uma vez, foram os mais pobres, os setores mais necessitados de investimentos que sofreram e estão sofrendo as consequências de uma greve em que o Estado ganhou a queda de braços, pois buscou forças numa coletividade fragilizada e retirou desta o pouco que tinha.

Por tanto, a sociedade deve buscar valorizar a educação de forma efetiva, as pessoas precisam saber por que estão lutando, o que estão defendendo e a educação, em especial, a sistematizada, precisa ganhar mais espaço no contexto social. Dessa forma, a Mina de Saberes busca na excedência de produção junto à Práxis Educativo- coletiva um “lucro” inequívoco com a sua aplicação: o de gestos de afeto e generosidade voltados para uma educação equânime, e humanizadora para que a maturidade cultural possa realmente ser alcançada e se fazer mais importante do que o poder na esfera econômica.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **Sobre Educação e Juventude: conversas com Ricardo Mazzeo**. Tradução Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COSTA, Antônio Roberto Faustino da; BERGAMO, Pedro; LUCENA, Roberto Marden. **A utopia em questão: desalheamento educacional à objetividade**. In: SOUZA, Cidoval Morais de (org.). **Um convite à utopia** [livro eletrônico]. Campina Grande: EDUEPB, 2016. 2500 kb. 438 p. - (Coleção Um Convite à Utopia; v.1). Modo de acesso: World Wide Web <<http://www.uepb.edu.br/ebooks/>>.

BERGAMO, Pedro. LUCENA, Marden. SANTANA, José Neves. **Economia Propedêutica. (ECO-PI)**. Práxis Educativo- Coletiva, 2018.

GENTILI, Pablo. **Adeus à escola pública, a desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das maiorias**. Pedagogia da exclusão: Crítica ao neoliberalismo em educação. 19 ed- Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013. Coleção: estudos Culturais em Educação.

FRANCISCO, Papa. **Considerações para um discernimento ético sobre alguns aspectos do atual sistema econômico-financeiro**. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_2018\\_0106\\_oeconomicae-et-pecuniariae\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_2018_0106_oeconomicae-et-pecuniariae_po.html). Acesso em: 6 de jul. 2018.

KARL, Marx. **O capital: Crítica da Economia Política** v.1. 35.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2017.

LEÃO, Rodrigo. PINTO, Costa. Eduardo. Carta Capital. **O que está por trás do aumento do preço dos combustíveis**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/o-que-esta-por-tras-do-aumento-dos-precos-de-combustiveis>. Acesso em 25 de maio de 2018.



LOMBARDI, José Claudinei. **Educação e ensino na obra de Marx e Engels**. Campinas, SP: Editora, Alínea, 2011. 265 p.